

**EÇA DE QUEIRÓS POR  
ANTONIO CANDIDO:  
“ENTRE CAMPO E CIDADE”**

NERY, Antonio Augusto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (Estudos Literários) – UFPR. Doutorando em Letras (Literatura Portuguesa) – USP.

(...) *E escreveu as Vidas dos santos, e levou o requintado Jacinto ao repouso idílico da serra de Tormes, abandonando a negação em proveito da compreensão, envolvendo-se cada vez mais naquele diáfano manto da fantasia, com que se pretendeu velar a nudez agressiva da verdade* (CANDIDO, 1964, p. 53).

**RESUMO:** Em 1945, na ocasião do centenário do nascimento de Eça de Queirós, Antonio Candido escreveu um artigo intitulado "Entre Campo e Cidade", no qual propôs uma interpretação para a obra completa do autor português. O texto fora publicado no *Livro do centenário de Eça de Queiroz* e posteriormente, em 1964, coligido no volume *Tese antítese*. "Entre campo e cidade" ainda hoje é importantíssimo para a compreensão da obra queirosiana, pois estabelece um contraponto à crítica tradicional canônica que, quase sempre, exigiu um posicionamento ideológico claro de Eça frente a diversos temas e entendeu tudo aquilo que fora escrito depois de *Os Maias* (1888) como produções desviadas da melhor inspiração crítica realista percebida em obras anteriores como *O crime do padre Amaro* (1871) e *O primo Basílio* (1886). Candido propõe uma leitura dos escritos de Eça de Queirós a partir da perspectiva dialética, fato que, além de superar a concepção polarizada do Eça esquerdistas das primeiras obras *versus* o Eça direitista dos textos derradeiros – posições que direta ou indiretamente a crítica tradicional sempre veiculou - supõe a liberdade de criação autoral sem a necessária adesão a esta ou aquela vertente ideológica. Como atualmente a produção queirosiana ainda é alvo da polarização interpretativa, "Entre campo e cidade" torna-se, de fato, atualíssimo, principalmente àqueles que buscam a revisão da crítica literária canônica que, em muitos casos, fechou-se em interpretações cristalizadas e relegou este ou aquele escritor ou, no caso de Eça, esta ou aquela obra ao limbo da "mã" literatura. O presente trabalho pretende mostrar as particularidades do texto de Antonio Candido, bem como sua interessante proposta ao analisar as obras de Eça de Queirós, principalmente aquelas escritas na última década de vida do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eça de Queirós, Antonio Candido, dialética "Entre campo e cidade".

**ABSTRACT:** In 1945, in the centenarian occasion of Eça de Queirós' birth, Antonio Candido wrote an article entitled "Entre campo e Cidade", in which he proposed an interpretation for the completed work by the Portuguese author. The text was published in the *Book of the centenarian of Eça de Queiroz* and later, in 1964, in the volume *Tese antítese*. "Entre Campo e Cidade" still today it is very important for the queirosiana works understanding, because it establishes a counterpoint to the canonic traditional critic one that, almost always, demanded

an clear ideological positioning of Eça towards several subjects and understood everything what was written after the *Os Maias* (1888) as deviated productions of the best realistic critical inspiration noticed in the previous works as *O crime do Padre Amaro* (1871) and *O primo Basílio* (1886). Candido proposes reading of the Eça de Queirós writings from a perspective dialectic, fact that, beyond overcoming the polarized conception of the leftist Eça from the first works versus the Eça rightist of the last texts – positions that direct or indirectly the traditional critic has always propagated - assumes the freedom of authorial creation without the necessary adhesion to this or that ideological source. As currently the queirosiana production still is white of the interpretative polarization, "Entre Campo e Cidade" it becomes, in fact, the most current, mainly those who search the literary critical revision of the canonic one that, in many cases, was closed in crystallized interpretations and relegated this or that writer or, in the case of Eça, this or that work to the limb of "bad" literature. The present work intends to show the particularities of the Antonio Candido text, as well as its interesting proposal when analyzing the Eça de Queirós' work, mainly those writings in the last decade of the author's life.

**KEY-WORDS:** Eça de Queirós, Antonio Candido, dialectic "Entre Campo e Cidade".

A crítica literária tradicional quase sempre foi injusta quando volveu olhares para as últimas obras produzidas por Eça de Queirós. Os críticos, em sua maioria, consideraram tudo aquilo que fora escrito depois de *Os Maias* (1888) como produções desviadas da melhor inspiração crítica realista manifestada pelo escritor em obras anteriores como *O Crime do Padre Amaro* (1871) e *O primo Basílio* (1886).

De fato nos primeiros escritos de Eça fica aparente a crítica à burguesia dirigente e quase sempre estes problemas eram estendidos a todo o país, em um processo generalizador: os defeitos de uma classe transformavam-se em defeitos nacionais. Posteriormente na última década de vida, Eça pareceu mediar esta crítica, muito provavelmente por uma série de acontecimentos em sua vida que o fizeram adequar e amadurecer o ponto de vista acerca de diversos temas, sem, contudo, perder o tom de crítica social exercido nas primeiras obras, mas sim, moderá-lo (Cf. NERY, 2005, p. 194).

Foi esse movimento de adequação e amadurecimento que alguns teóricos não souberam compreender e acabaram por dividir a obra do escritor em duas partes distintas: a das

primeiras obras, no qual o realismo crítico estava mais presente e a das últimas obras, nas quais um tom apaziguador, menos crítico, estaria sendo veiculado. A principal justificativa para a divisão era o suposto argumento que Eça de Queirós havia "mudado" sua ideologia no último decênio de vida por veicular em seus escritos, de várias maneiras, uma maior valorização da cultura portuguesa.

Antonio José Saraiva e Jaime Cortesão podem ser tidos como uns dos iniciadores e exemplos dessa voz crítica tradicional que perdurou por muito tempo. Ou se impingia aos textos um reacionarismo negativo, caso de Saraiva em suas *As idéias de Eça de Queirós* (1945), ou um reacionarismo positivo, caso de Cortesão em seu *Eça de Queiroz e a questão social* (1949). Saraiva, pretendendo uma orientação socialista, exclui de sua análise os escritos "apaziguados" da última fase e Cortesão faz o contrário, dá mais ênfase à produção derradeira, enaltecendo as nuances conservadoras encontradas nestes textos.

Tais leituras tiveram muitos seguidores que não contestaram a polarização, mas simplesmente aderiram a uma ou a outra vertente. Se notarmos bem, ambas vieram a lume na segunda metade da década de 40, por ocasião, provavelmente, do centenário no nascimento de Eça ocorrido em 1945.

Interessante notarmos que a proposta de leitura da obra de Eça que buscamos averiguar no presente trabalho é justamente publicada neste período, mas, incompreensivelmente, parece não ter tido o mesmo alcance e reconhecimento, possivelmente pelo fato de refutar a leitura polarizada que acabou tornando-se cristalizada.

Referimo-nos ao texto "Entre Campo e Cidade" de Antonio Candido escrito em 1945, publicado no *Livro do Centenário de Eça de Queirós* e posteriormente coligido no volume *Tese Antítese* de 1964. Ao que nos parece as idéias de Candido só foram efetivamente reconhecidas depois de serem coligidas em 1964, uma vez que é a partir deste período que começamos a perceber outras leituras possíveis da obra queirosiana, embora a polarização continue a vigorar. Hoje o texto é tido com um dos mais fundamentais, principalmente no que tange ao suposto "apaziguamento" de Eça explicitado nos textos derradeiros.

Em “Entre campo e cidade” fica explícita a articulação entre o leitor de romance e o sociólogo, cara ao crítico brasileiro. Especialmente nos capítulos conclusivos do texto, percebemos a análise sob a perspectiva sociológica e é nestes capítulos que Candido propõe o caráter dialético dos escritos de Eça de Queirós que, ao nosso ver, melhor explica a adaptação temática da terceira fase em comparação com o período inicial de produção.

Sua tese gira em torno do “diálogo entre campo e cidade”. Tal diálogo perpassaria todos os escritos do autor português com oscilações: na primeira fase reinaria a voz urbana que manifestava “descrença num mundo agrário obsoleto; implicava crítica, sátira, oposição desabrida ao clero, nobreza e burguesia, com apoio às novas camadas suscitadas pela indústria e a vida moderna” (CANDIDO, 1964, p. 52). Nas obras da última fase haveria a transposição para a voz rural que “comportava um certo enlevo para com a doce modorra das gentes e das aldeias, um senso poético que aceita e compreende, afastando a revolta, acolhendo a realidade tal qual se apresenta” (CANDIDO, 1964, p. 52).

Toda a dialética e as formas como é expressa constituiriam “dois campos de luta entre dois tipos de vida, ora predominando um, ora outro; e o conjunto do processo revela abandono progressivo da cidade pelo campo” (CANDIDO, 1964, p. 49).

Notadamente na ficção inicial de Eça percebe-se a visão do homem urbano que está mais interessado no fenômeno social que em seus protagonistas, como resumirá CANDIDO (1964, p. 32): “O jovem bacharel socialista odiava a estagnação do país, os costumes conservadores e os grupos que os representavam. Clero, aristocracia, burguesia, tudo lhe despertava a inclinação combativa”. Isso se explicaria talvez porque é em parte deste período inicial de escrita que temos a efervescência da Geração de 70, da qual o escritor fez parte.

Para os jovens da Geração as grandes metrópoles eram tidas como exemplo de modernidade, vida social e cultural, e de uma economia industrial invejável, enquanto no Portugal “decadente”, de economia agrária, reinavam os tradicionalismos e arcaísmos. A consciência do contraste entre o mundo civilizado e o Portugal degradado, fechado em

um mundo arcaico, está explicitamente apresentada nas "Causas da decadência dos povos peninsulares", texto escrito por Antero de Quental e capital para a Geração de 70<sup>2</sup>.

É no período que vai da escrita de *O crime do padre Amaro*, em 1871, até *Os Maias*, em 1888, que o escritor colocaria em prática esses ideais da Geração e o sentido pragmático pelo qual compreendia a arte para transmitir em suas obras toda a visão pessimista com relação à sociedade portuguesa. Para veicular o sentido combativo, de luta e de reforma, uma das melhores armas utilizadas na ficção, de acordo com Candido, era o recurso da caricatura e dos personagens- tipo:

Cada personagem deixará de ser apenas personagem para transformar-se em paradigma, encarnar um tipo social a louvar ou combater (...) essa simplificação limita a humanidade dos personagens, mas reforça a intensidade do problema, e portanto, desse romance eminentemente social, de oposição e de combate (CANDIDO, 1964, p. 34; 35)

À medida que os anos passam essa postura oscila: o passado e a tradição renegados outrora passam a ser veiculados nas obras revelando um abandono do ponto de vista urbanista com que o escritor olhava Portugal. Consoante CANDIDO (1964, p. 45): "reconciliado com o sentido tradicional da civilização da sua pátria, o romancista cai encontrando no campo repouso para a inquietude".

Antonio Candido mostra que isso não aconteceu de forma abrupta, já em *Os Maias* e *A capital* (1878) se notaria um prenúncio de tudo o que viria pela frente. *Os Maias* será a obra em que por excelência se percebe o embate entre campo e cidade: "o romance se desenvolve em torno dessa oposição e, como um mau presságio que se realiza, acaba pela vitória da cidade sobre o campo. Lisboa desfibra Carlos da Maia,

<sup>2</sup> As idéias de Antero serviram como norte para todos os participantes da Geração e estão refletidas nas obras de Eça de Queirós e nos escritos de outros integrantes da plêiade. Em seu principal ensaio deste período - a conferência apresentada no Casino Lisbonense em 25/07/1871 - *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*, Antero propõe o Catolicismo pós-tridentino, junto com a monarquia absolutista e as conquistas ultramarinas como causadores da decadência moral, econômica e social das nações ibéricas; responsáveis pelo atraso do desenvolvimento da indústria e da ciência na península a partir do século XVII.

transformando-o num *viveur* inútil; o avô morre, aniquilado pelo infortúnio” (CANDIDO, 1964, p. 42).

Para o crítico esse romance é a obra prima de Eça e do romance naturalista universal, é nele que ocorrerá o equilíbrio entre a visão urbana e a visão rural sem predomínio de uma sobre a outra.

Embora n’*Os Maias* a cidade ainda se apresente superior à província já paira uma visão de que se o campo produziu tipos asquerosos como Gouvarinho ou Eusébiozinho, na cidade também não é diferente, lá encontramos tipos como João da Ega e o próprio Carlos da Maia.

O romance inauguraré os personagens provincianos de bom caráter que terão sua figuração acentuada em *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1900). Contudo, na história dos Maias, ainda prefigura um país decadente: “A vocação de Lisboa (lê-se a cada instante nas entrelinhas) é para aldeia grande e, em meio a essa confusão de estilos, ressaltam os tipos da ‘boa cêpa rural’, os fidalgos do campo, de tradição e de caráter” (CANDIDO, 1964, p. 42).

A ambigüidade campo/cidade na obra queirosiana poderia ser compreendida, segundo Antonio Candido, análoga à ambigüidade encontrada na própria cultura portuguesa nos oitocentos que não conseguia se libertar do peso do passado e permanecia, naqueles idos, em uma zona de fronteira entre modernidade e passado:

(...) a ambígua civilização portuguesa, incapaz de libertar-se do peso do passado e de forjar com estilos tradicionais uma síntese de vida, criou para Eça de Queirós um impasse literário que ele resolveu pelo abandono da linha urbana (CANDIDO, 1964, p. 51).

Eça, portanto, não seria idiossincrático ao expor nas suas obras esse impasse temático, mas acompanharia o exemplo da ambigüidade de Portugal, principalmente nos escritos finais, nos quais, explicitamente, perseguiu a idéia de modernidade ressaltando o que o mundo tradicional tinha a oferecer.

Vale lembrar também que as ambigüidades foram componentes típicos de todos os representantes da Geração de 70 como propõe MATOS (1993, p. 475): “uma constante oscilação entre um idealismo socialista por vezes utópico e um

cepticismo finissecular que chega a tomar forma de niilismo". São essas ambigüidades que provavelmente impulsionaram a criação e o desenvolvimento da considerada última agremiação da Geração de 70, os *Vencidos da Vida*.

Convém mencionar que embora desenvolva a tese acerca da dialética campo *versus* cidade, Antonio Candido reflete em muitos momentos sobre a face "compreensiva" da obra de Eça de Queirós. Por vezes, inclusive, poderíamos pensar que o crítico brasileiro sugere também a pecha de reacionário para Eça, mesmo que o qualitativo se configure para ele de natureza bem diversa do que postulam António José Saraiva e Jaime Cortesão, por exemplo.

No penúltimo capítulo da análise, no qual o tom sociológico parece prevalecer, Candido esclarece que os personagens de Eça transparecem sempre um apelo ético à norma vigente, ao contrário de personagens conhecidas (ele usa as de Stendhal como exemplo) que estão sempre alheias à moral comum e prontas a transgredir as convenções sociais: "Em Eça, pelo contrário, há um apêlo permanente à norma, e os que dela se afastam estão condenados" (CANDIDO, 1964, p. 50).

O escritor português teria uma moral a ser seguida e tal atitude parece figurar no discurso do crítico como algo questionável pelo fato de Eça não transpor valores tradicionais, mas desejar mantê-los: "Com efeito, Eça jamais se libertou da velha moral portuguesa, do culto idealizado da honradez aldeã e forte, de um padrão corriqueiro e convencional, que em suma é o de Júlio Diniz" (CANDIDO, 1964, p. 49). Para Antonio Candido, o fato de Eça utilizar personagens imorais para serem contraponto e funcionarem como aferição de moral é o que deflagra sua convivência com os tradicionalismos da moral portuguesa:

Ora, se justamente a tais personagens comete Eça a tarefa de contrastar as podridões da decomposição social e as fraquezas dos caracteres individuais, podemos dizer que jamais conseguiu liquidar dentro de si aquele tradicionalismo contra o qual investiu na mocidade (CANDIDO, 1964, p. 50).

A fase final dos escritos queirosianos foi ainda mais detentora desta característica de Eça criticada por Candido, justamente por causa de muitas acontecimentos ocorridos na vida do autor:

O casamento nobre, a glória literária, o prestígio social, as injunções da carreira, o favor da Coroa, foram tecendo uma rêde sutil de compromissos com a sociedade existente, e nessa rêde foi se embaldando aos poucos o antigo socialista, num conformismo suave com o mundo e os seus pecados (...) Pela vida que levou, Eça de Queirós foi cada vez mais se afastando do que poderia fixá-lo no romance urbano, crítico, opositorista; perdeu contacto com os amigos boêmios, com os meios socialistas (bem pouco eficazes, aliás, num pequeno país atrasado), ao mesmo tempo que a própria idade o ia tornando mais acomodado e compreensivo. O quarto de Jaime Batalha Reis foi trocado pelas salas da quinta de santo Ovídio ou do palácio em São Domingos; as longas passeatas malucas de madrugada, pelas quermesses de Dona Amélia (CANDIDO, 1964, p. 51; 52).

Para ele Eça foi muito influenciado pelos novos ideais, diálogos e debates desse meio de que fazia parte, o qual levou-o “pouco a pouco, a se acomodar numa visão mais puramente literária do romance, a ‘fazer estilo’, demasiado ostensivamente, pondo de lado o sentido pragmático, de luta, dos primeiros livros” (CANDIDO, 1964, p. 53).

Conforme caminha para a conclusão, Candido modula sua crítica, indo ao encontro de uma compreensão mais estética da obra de Eça exaltando o fato dos romances derradeiros serem expressões líricas de uma realidade que possuía qualidades:

Como Eça não se libertou da velha ética, era de esperar que seu socialismo e a sua irreverência acabassem por ser, não vencidos, que nunca o foram, mas equilibrados, compensados, pela irrupção dos antigos valores recalçados: sentido rural da vida; acatamento da tradição; conformismo em relação aos poderes estabelecidos; senso poético, em vez de destruidor, da cultura portuguesa (CANDIDO, 1964, p. 50)

Estranhamente, mesmo depois de vários trabalhos como “Entre campo e cidade”, no qual há uma relativização da alcuinha de reacionário imposta a Eça de Queirós, ainda perduraram por algum tempo as discussões sobre um reacionarismo ou reconciliação desempenhada por Eça com relação principalmente à figuração de Portugal na última fase de sua obra.

Maria Filomena Mônica em sua recente biografia sobre Eça afirma:

Ainda hoje, tanto a esquerda como a direita continuam a discutir o assunto. Apropriando-se de *A Cidade e as Serras* e de *A Ilustre Casa*

de Ramires, a direita considera-o um nacionalista, enquanto a esquerda mantém a sua tese de que Eça teria sido, na juventude, um radical, que, depois, se transviara. Em 1945, ano do centenário de nascimento de Eça, os campos ideológicos extremaram-se. A esquerda, dominada pelos comunistas, privilegiou o Eça da juventude; a direita, comandada pelos próceres de Salazar, concentrou a sua admiração nas últimas obras (MÓNICA, 2001, p. 341).

Portanto, a polémica encampada por alguns críticos, desde a morte do escritor, ainda continuou mesmo com o avanço de leituras que buscaram antes analisar a evolução do pensamento autoral que simplesmente impingir conceitos tal qual esta ou aquela posição ideológica. Atualmente a crítica literária parece se comportar reconhecendo a pouca contribuição de leituras polarizadas como as realizadas por Saraiva e Cortesão, porém, ainda deixando transparecer marcas desse tipo de leitura.

Parece-nos que o grande problema é que muitos acreditavam que Eça, na juventude, havia sido um revolucionário tal qual alguns membros da Geração de 70. Contudo, enquanto Antero e Batalha Reis reuniam-se com representantes da I Internacional<sup>3</sup>, Eça passava os serões na casa de um grande industrial a conversar com Ramalho Ortigão (cf. MÓNICA, 2001, p. 372). Muito diferente dos amigos, que naqueles idos tinham a revolução política como uma premissa, Eça acreditava em uma revolução através das artes para assim chegar à mudança política, prova disso é a palestra que pronunciou nas *Conferências do Casino Lisbonense*, na qual defendeu a arte sob a concepção realista.

Foi provavelmente o fato de muitos críticos julgarem Eça imbuído dos ideais políticos de Antero e Batalha Reis o que ocasionou a posterior taxação do autor de reacionário e/ou conformista:

A conferência que Eça proferiu no Casino Lisbonense teve mais importância pela fama de revolucionário que após ao autor do que pelo tema abordado. Quando hoje alguém afirma que ele <<traiu>> os ideais da juventude está geralmente a pensar, não no que ele

<sup>3</sup> A Associação Internacional dos Trabalhadores foi a principal responsável pelo levante da Comuna de Paris, inclusive atuando no governo revolucionário, seus componentes eram temidos pelos reacionários de toda a Europa.

efectivamente disse no Largo da Abegoaria, mas no que seus amigos ali defenderam (...) No entanto, aquilo sobre o que Eça falou foi de arte. Ao contrário de Antero, Eça não andava a ler Karl Marx, mas Flaubert. (MÓNICA, 2001, p. 100).

Como o próprio Eça afirma na crônica “Antero de Quental”<sup>4</sup>, na qual lembra os tempos de universidade, enquanto Batalha Reis e Antero estavam cuidando dos interesses do movimento socialista junto com José Fontana<sup>5</sup>, ele estava conhecendo o mundo: “Eu não fui testemunha dessa sua [de Antero] vida militante. Por meu turno partira, a percorrer os mundos deste mundo (sic.), dos velhíssimos aos novíssimos, da magoa-da Jerusalém à estridente Chicago”. (QUEIRÓS, 1945b, p. 275).

Nesta mesma crônica, Eça reconhece também ter sido um mero espectador das revoluções operadas pelo autor das *Odes menores* e outros seus amigos:

De resto, eu era meramente um ator do teatro Acadêmico (pai pobre), e rondava em torno destas revoluções, destas campanhas, destas filosofias, destas heroicidades ou pseudo-heroicidades, como aquele lendário moço de confeitiro que assistiu a tomada da Bastilha, com seu cesto de pastéis enfiado debaixo do braço, e quando a derradeira porta de fortaleza feudal cedeu, e a velha França findou, deu um jeito no cesto leve, e seguiu, assobiando a *Royale*, a distribuir os seus pastéis. Mas era um devoto (o termo não é excessivo) do poeta das *Odes Modernas* (QUEIRÓS, 1945b, p. 266).

Como bem esclarecerá MÓNICA (2001), o escritor terá a sua forma própria de demonstrar patriotismo:

(Eça) não era um patriota, se por tal se entender alguém que tem, do seu país, uma visão imperial. Era-o, se pensarmos o termo como aplicando-se a quem sofre com desastres do seu país e se alegra com as suas glórias, a quem se indigna com as torpezas e suspira por uma vida melhor para a comunidade (MÓNICA, 2001, p. 341).

O que desde sempre preocupou Eça com relação à sua terra natal e que, sem questionamentos, estava de acordo com os objetivos principais da Geração de 70 foi o atraso português.

Mesmo passados alguns anos da Geração de 70, ainda perduravam em suas obras elementos elencados como retar-

<sup>4</sup> Escrita em 1896, por ocasião da morte de Antero, e coligida postumamente no volume *Notas contemporâneas* (1909).

<sup>5</sup> José Fontana era o representante e líder da I Internacional em Portugal.

damento para o desenvolvimento do país: a corrupção dos políticos, opressão da Igreja e a inércia das instituições de um modo geral. Embora a forma de encarar alguns aspectos da cultura portuguesa tenha passado por adequações, como com relação à indiferença do povo, não significa que Eça tenha se tornado um profeta nacionalista e totalitário.

Podemos, a partir da tensão latente entre a ruptura e o apaziguamento percebidos nos escritos de Eça e indicada por Antônio Candido no movimento dialético entre campo e cidade, defender aquilo que sua própria obra, em uma leitura imparcial, revela: Eça de Queirós continuou ferino em suas críticas durante e depois dos acontecimentos do início da década de 90, não deixou de observar o que deveria ser superado e continuou tecendo críticas às instituições portuguesas que julgava atrasadas e necessitadas de reformas.

A partir de 1890, uma desesperança em relação àqueles ideais da juventude parece de fato tomar conta do autor, todos os acontecimentos e novas ideologias começam a mostrar os problemas do positivismo e de correntes de pensamento que até então eram tidas como satisfatórias. A industrialização e a modernidade, elogiadas e ambicionadas por todos da Geração de 70, aparentam ter mostrado para Eça no final do século XIX outra face, aquela que provocava dor, miséria, exclusão e desigualdade, enfim, os problemas sociais.

Nada mais natural, portanto, que houvesse uma mediação no discurso de outrora, não que isso seja considerado desistência do ideal dos escritos anteriores, pois, como dissemos, as críticas e os questionamentos das obras iniciais perduraram até os escritos derradeiros, constituindo o grande inquérito à sociedade portuguesa que é a produção queirosiana. Latente em todas as fases, pairará intacta a preocupação em desmascarar as relações da burguesia com o proletariado, mostrando as mazelas da sociedade burguesa e o desejo de ver Portugal melhor.

Nos textos da última fase, o idealismo continua presente, agora com uma aparente crença otimista no futuro e em uma nova sociedade que poderia vigorar ante as constantes mudanças e crises, como notamos no artigo "A Europa", escrito em 1888, e coligido nas *Notas contemporâneas* :

Mas o conjunto dos homens, a sociedade, progride cada dia pela sucessiva acumulação do esforço, do trabalho, da virtude, do gênio, da poesia, da coragem de cada geração que passa (...) E nesse século XX, de que já nos ocupamos com tão paternal solicitude, haverá ainda mais saber espalhado e mais justiça repartida (...) De sorte que os males presentes, as crises, as misérias, não são mais que o natural depercimento de Dezembro na floresta humana, donde surgirá uma mais viva, mais rica vegetação de liberdades e de noções. Essas mesmas, por seu turno, criarão dificuldades na sociedade e incertezas novas no espírito. Outra vez voltará Dezembro. Vozes sombrias afirmarão de novo, em línguas ainda não faladas, que tudo se desconjunta, que a situação é medonha! Mas quando Março por sua vez voltar, e se vir mais claro num céu mais limpo, reconhece-se-á que, em suma, a humanidade deu outro passo decidido para a frente, no caminho da justiça e no caminho do saber. E assim, aos tombos e aos socos, ora destroçado, ora reflorado, o mundo avança irresistivelmente (QUEIRÓS, 1945b, p. 200).

Dos escritos derradeiros também emana uma nítida degradação de classes, desumanidades, violências e hipocrisias que Eça relega ao sistema capitalista e à uma das suas faces, o imperialismo britânico, cujos desdobramentos o escritor acompanhou muito de perto. Sempre o que temos após o delineamento crítico e desconcertante da realidade é um otimismo muito claro: “Mas hoje já se considera provável, talvez próxima, uma outra organização social em que o Estado tenha por base as grandes massas operárias, e, em lugar de consolidar, desmanche o poder do capitalismo” (QUEIRÓS, 1945a, p. 521).

Para nós, Eça de Queirós sugere ter diante de si muitas teses que pensava serem procedentes para explicar a realidade social que o cercava, realidade essa que, logicamente, se alternou ao longo de sua vida. Portanto, nada mais natural que, de acordo com o contexto vivido, ele distribuisse essas teses conforme julgasse melhor.

As moderações fazem com que em determinadas fases o autor revele-se crítico mordaz e ferino e em outras obtenha uma imagem mais pacificadora, contudo, o fundamento crítico perdura do princípio ao fim de sua obra, sustentando-se em um modelo de desequilíbrio e tensão que perpassa as diversas fases de produção, bem como em um campo discursivo com avanços e recuos, acordos e desacordos, perguntas com e sem respostas, enfim, uma infundável inquietação com relação aos temas religiosos.

Essa tensão aponta para a impossibilidade da escolha entre um pólo ou outro, desta ou daquela fase como sendo a mais representativa da obra de Eça. Essa tensão transparece, sobretudo, um escritor que se abre às diversas linhas de pensamento que lhe são disponíveis, não se posicionando nem à direita e nem à esquerda, mas aproveitando elementos de diversos pontos de vistas na forma de pensar e encarar a vida.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Entre campo e cidade. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: Nacional, 1964, p. 31-56.

CORTESÃO, Jaime. *Eça e a questão social*. Lisboa: Seara Nova, 1949.

MATOS, Alfredo de Campos (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1993.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça de Queirós*. 4ª ed. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

NERY, Antonio Augusto. Santidade e humanidade: aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós. Dissertação de Mestrado. UFPR: Curitiba, 2005.

QUEIRÓS, Eça de. *Cartas familiares e bilhetes de Paris*. Lello e Irmãos, 1945a

\_\_\_\_\_. *Notas contemporâneas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945b.

QUENTAL, Antero de. Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. In: *Prosas Escolhidas* (org. por Fidelino Figueiredo). Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942, p. 95-142.

SARAIVA, António José. *As Idéias de Eça de Queiroz*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1950.